

BAPTISTA CEPELOS, UM EVOCADOR DOS BANDEIRANTES

"Não me olhes assim, de tão suave maneira:
A luz do teu olhar caindo na minha alma,
E' como um rio azul de sempiterna calma,
De quem já desfolhou a ilusão derradeira"...

Versos encontrados nos bolsos do poeta em forma de rascunho. Versos do poeta que em acentos naciona-

listas cantara a epopéia do bandeirismo paulista, proclamando que no culto da pátria e dos heróis:

"O papel dos poetas é cantar a beleza
Do Mundo e o esplendor do Homem!"

Batista Cepelos num certo momento histórico de São Paulo com "Os Bandeirantes" ao evocar glórias e grandezas do passado, até então

aproveitadas só episodicamente, calou profundamente na alma paulista. Na sua poesia, vê-se São Paulo ter-

"Então, meiga cidade de pureza,
Sobre a colina, como lírio branco.
Eras um berço de ouro, uma beleza:
— Ruas tortas, casinhas no barranco.

Hoje, São Paulo meu! não há terreno
Que te baste, no ardor com que te expandes!
Mas aí! quando foste assim pequeno
Como os teus grandes homens eram grandes!"

Batista Cepelos mostra como o bandeirante indomito lutava para vencer a beleza agressiva da mata virgem:

"Selva dantesca, onde, de instante a instante
O homem tem de tremer em face à natureza.

Ou como às vezes a própria natureza se apresenta com o encanto de um painel à Almeida Junior:

"Abre-se como lírio, a manhã vaporosa...
Aos poucos vão surgindo, em vagos lineamentos
As montanhas, além, num fundo cor de rosa,
Que ourela a fimbria azul do claro firmamento".

Falando do rio Tietê o poeta mostra como:

Tem saudades também o desditoso Rio!
E então a sua voz é de cortar rochedo.
Quando, quase a chorar, num longo murmúrio
Começa a recitar Alvares de Azevedo!

E se o culto da pátria e dos heróis vibra nas páginas de "Os Bandeirantes", a incompreensão da natureza aparece em "A Derrubada" quando:

"Vê-se uma árvore esguia em meio à derrubada
Na pungente aflicção de uma cruz desolada,
Que eleva para o céu os retorcidos braços,
Em tristonha nudez imprecando os espaços!

O sentido da humanidade assoma nos versos de "Vaidades" quando recrimina a violência:

"Mas, o egoísmo dividiu a terra,
E, açulando as paixões que nos consomem,
Começou nesse instante, a grande guerra...
O homem se fez lobo do homem!"

Batista Cepelos como verdadeiro poeta pressentiu os grandes problemas do tempo. Mas, diz Melo Nobre, o seu biógrafo: "O socialismo lírico de Cepelos foi um meio de reconquistar a tranquilidade cristã fora da rigidez dos dogmas"...

Cristo como pregador da renúncia e do amor sempre pairou nos versos do autor de "Maria Madalena". O seu humanitarismo é eloquente, principalmente no "Evangélio dos pobres", chegando a delinear no "O vil metal" um romance de fundo social.

As glórias e tristezas das águas barrentas do Tietê em

que deslisaram as barcaças históricas, levando os gigantes sertanistas dos séculos XVII e XVIII para horizontes mais largos tiveram o cantor épico no estro de Batista Cepelos, abrindo quase as portas da Academia Brasileira de Letras.

Fecundo para o tempo que viveu a ponto de em uma enquête sobre o melhor poeta paulista da época, com a participação de Vicente de Carvalho, Wenceslau de Queiroz e Amadeu Amaral, Batista Cepelos ser considerado "o poeta das rimas fulgurantes e das ricas imagens" — exatamente ele nascido de gente humilde e que:

"Ao sereno palor das madrugadas,
Quantas vezes alguém da minha aldeia,
Não me viu, pensativo nas estradas,
Como Anchieta, escrevendo sobre a areia"...

Olavo Bilac referindo-se aos "Os Bandeirantes", disse que os seus versos não se confundiam com o comum "por serem de um legítimo, original e excelente poeta",

NOVIDADES LITERARIAS

Entre as últimas novidades literárias recebidas pela Livraria Civilização Brasileira, à rua 15 de Novembro, 144, constam: João Ribeiro "Crítica — Clássicos e Românticos Brasileiros"; João Ribeiro "Crítica — Os Modernos"; Eimundo de Menezes "Guimarães Passos e sua Época Boêmia"; David J. Dallin "Trabalho Forçado na Rússia"; "Obras Completas de Rui Barbosa", vol. I; Basílio de Magalhães "O Acuar nos Primórdios do Brasil Colonial".

enquanto Araripe Junior via nele "tendências fortes para os temas sociais".

E, hoje, em nossos dias, Silveira Bueno diz:

"Batista Cepelos é um poeta correto, brasileiro, inspirado sempre em assuntos nossos". Diria: se há desengano no seu roteiro sentimental como no "Cisne Encantado", se há pressentimento de morte nos versos de "Os Corvos", convém relevar os golpes morais, o drama íntimo que o inspiraram. Golpes sobre-humanos e profundos — ocorrendo-lhe mesmo a idéia de suicidar-se ao pensar que:

"Para quem sofre, a própria
[compaixão]
E' uma ironia!"

No dizer dos seus contemporâneos era um tanto miope, mas varonil e extremamente formoso, e como Bilac "muito casto no

amor, porém sensivelmente neurastênico.

E se abria caminho entre os seus contemporâneos era a golpes de talento, merecendo não poucos elogios e aplausos. Mas,

Por
DANTE ALIGHIERI VITA
(Do Instituto Histórico e Geográfico de S. Paulo)

uma tragédia imensa abala a sua vida. O pai de sua noiva, cuja estirpe se encontra nos velhos ban-



Baptista Cepelos

deirantes, não se sabe porque, mata a amada do poeta, suicidando-se em seguida. Causador involuntário do drama, vencido e

sufredor, Batista Cepelos muda-se para o Rio de Janeiro para viver, no dizer de Melo Nobrega, "ao léu, na sua pobreza orgulhosa, pensando sem queixar o desconforto de sua condição, dia a dia mais compenetrado que nada mais valia tentar".

Batista Cepelos nasceu em Cotia, a 10 de Dezembro de 1872, batizado na matriz de N. Senhora de Monte Serrat, a 16 de Janeiro de 1873, pelo vigário padre Manoel das Dores Rocha, era filho do professor João Batista Cepelos e de d. Maria Diniz Cepelos. Seu avô paterno dr. João Cepelos Correia, morto criminosamente quando promotor público em Campinas. Foi seu professor de primeiras letras João Coelho de Castro. Moco inteligente e de muita personalidade, não se sabe porque, incompatibiliza-se com o delegado da vila, indo para São Paulo, ingressa na Força Paulista, galgando rapidamente os postos do oficialato, chegando aos 13 anos a Capitão. Na campanha do Paraná em 1894, foi com frequência elogiado.

Matricula-se na Faculdade de Direito a 14 de março de 1898, tendo como colegas: Ciro Costa e Antero Bloem; formando-se em 1902, na mesma turma de Artur Bernardes, Armando Prado, Eurico de Goes e Maria Augusta Saralva, a primeira mulher formada pela Faculdade de Direito de São Paulo. Em 1904 é nomeado promotor da Comarca de Apiaí, transferindo-se, em 1906, para a de Itapetininga.

No Rio, depois da tragédia da

capital bandeirante, Martin Francisco, então deputado federal, tenta despertar-lhe novamente o gosto pela vida, nomeando-o promotor público na Comarca de Cantagalo, Estado do Rio, "para amparar o dr. Cepelos contra a persistência de uma desgraça nobremente suportada".

No Teatro Trilanon, subia a cena pela primeira vez o drama "Maria Madalena", sendo o autor duas vezes uma salva de palmas no proscênio. Os amigos estavam planejando outro espetáculo para auxiliar o poeta na posse do cargo — fora indicado pela amizade do velho Andrada. A sua vida parecia rapidamente reconstituir-se. Mas, na manhã de 8 de maio de 1915, meninos assustados viram, enquanto brincavam ao pé de uma pedra, "um cadáver caído entre as lascas da rocha". Morador daquele recanto humilde correram para ver o morto, encontrando-lhe tão somente nos bolsos aqueles versos em forma de rascunho.

Batista Cepelos caía justamente quando novos horizontes começavam a se abrir para a sua vida. Mas, ao que parece o poeta preferiu se libertar como disera certa vez:

"Do minuto que passa e do tempo que voa"

Embora, hoje, um tanto esquecido, não sei se poderá libertar-se da gratidão dos que amam a humanidade permanente e são sensíveis ao poeta angustiado que soube fixar no meio das coisas transitorias momentos imortais da grandeza bandeirante.

ORDEM DA SANTA TRINDADE

No quinhentismo, em que pesasse a situação precária da vila nascente, cotidianamente às voltas com as tropelias dos indígenas, em várias ocasiões São Paulo estendeu a mão, para auxiliar outras gentes e outras terras. Gados e viveres para as froças que arribavam ao litoral; forças e generos para os que enfrentavam os franceses, mancomunados com os tamoiós, no Rio de Janeiro; farinhas para Pernambuco; reses para o litoral, além de outros recursos congêneres, foram sempre enviados de coração aberto aos que nos bateram às portas.

O espírito de solidariedade humana, a alegria de servir, a compreensão do dever, a liberalidade visceral, nunca jamais se afastou daqueles povoadores rudes, vestidos de couro, calejados no eito e nas aventuras sertanejas. Davam mais do que pediam. Em regra, não pediam. Contentavam-se com o que tinham — ou procuravam, com esforço próprio, acrescentar os haveres, já domando a terra,

já apresando os índios. Lutadores, venciam na luta ou morriam na luta.

Além do que daqui se remetia, muita coisa aqui vinham pleitear ou buscar. E eram atendidos. Por exemplo, a 11 de maio d. 1580, reuniu-se a Câmara para tratar "de couzas e leis do povo". Com efeito, passavam em revista questões administrativas, quando surgiu no Paço Muni-

Santissimo Sacramento de um templo para outro, conserto de pontes e calçadas a fim de facilitar a passagem do Nosso Pai para os doentes (Atas, VIII, 198), ação de graças pela nomeação dos bispos, o preço das praticas religiosas, prisão dos que se investiam de ordens sacras falsas, exequias pelo trespasse dos monarcas, o repique dos sinos, conhecimentos sobre comunhões, esmolas para St. Antonio de Lisboa, esmolas para os Santos de Jerusalem, etc., etc., foram sempre objeto de deliberações oficiais, o que importa dizer que se governava ou se fazia por governar com o Rei e com Deus.

Quanto a Jorge Moreira, um dos principais da vila, então exercia o cargo de vereador e deveria entregar o provento da arrecadação ao "dito dioguo roiz monpoteiro mor da dita orde prea ele dito dioguo roiz responder ao mosteiro da trindade", o que tudo se faria "conforme ao alvara de sua alteza a que atraz se faz mensam". Por onde se vê que, no século como no temporal, os povoadores de São Paulo de Piratininga, como ainda hoje, jamais desapontavam o próximo, a quem consideravam seu semelhante e seu irmão.

NUTO SANT'ANNA
(Da Academia Paulista de Letras)

principal um certo Domingos Rodrigues, morador na vila de Santos. Trazia um alvará "asinado por hu desembargador" e uma "percurasão raza da letra do padre frei gaspar percurador da ordem da santissima trindade", aprovada "por o mestrador bertolameu simois pereira". Tudo, com o fim de obter ajutórios, na vila, para aquela ordem religiosa, sediada à beiramar. Os camaristas deram-se por cientes. Então Diogo Rodrigues lhes solicitou que indicassem "tres omes pera escolher hu deles para aracaçar a dita esmola que os fiéis cristois quizesse dar". Atendendo-o, apresentaram-lhe Jorge Moreira, Salvador Pires e Baltazar de Brito.

O santista preferiu Jorge Moreira, a quem transmitiu as necessárias credenciais para "araquadar as ditas esmolas e gozar de todos os privilegios e franquezas que o dito alvarar lhe dar outrossim lhe da a bula das grasas emiligencias concedidas pelo santo padre aos fiéis cristois que as ditas esmolas derem". A proposito, a edilidade e o povo quinhentistas pautaram sempre as suas atividades em princípios religiosos, não se descuidando nunca das altas coisas espirituais relacionadas com a igreja. Esportulas conseguidas pela maneira retro, doações para a edificação da matriz, ou, pelos anos adiante, preces pela saúde do Soberano, transladação do

UM DRAMA IM-PROVISADO

Theophile Gauthier, foi um dos maiores amigos de Balzac. Chamado, certa vez, com toda urgência pelo grande escritor, ficou surpreendido quando este, enquanto o recebia, lhe disse:

— Faz uma hora que te espero. Amanhã devo ler um drama em cinco atos...

— E necessitas da minha opinião? — perguntou-lhe Gauthier, sentando-se, com atitude submissa de quem está às vespas de um grande suplício.

— Não, de modo nenhum — replicou Balzac. — O que necessito é da tua colaboração, porque o drama ainda não foi escrito.

Gauthier, amigo íntimo, aceitou e se dispôs a ajudá-lo, pondo-se a escrever imediatamente.

— Só te peço que me digas alguma coisa sobre os personagens — disse a Balzac.

Este, porém, tomado de verdadeiro desalento, respondeu:

— Ah! si tenho que dizer-te o argumento não concluiremos mais. (O drama foi escrito. Tomou o nome de "Vautrin").

Boletim Bibliográfico Brasileiro

Sob os auspícios do Sindicato Nacional das Empresas Editoras de Livros e Publicações Culturais e editado pela "A Estante" — Publicações Ltda., do Rio de Janeiro, acaba de aparecer o primeiro numero do "Boletim Bibliográfico Brasileiro", publicação que visa divulgar amplamente entre os interessados as obras novas e as reedições de livros que forem lançadas no mercado do país.

Pela primeira vez no Brasil é lançada iniciativa de tal envergadura, indiscutivelmente das mais úteis para a difusão do livro, sendo de crer que sua aceitação seja coroada de inteiro êxito pelo que representa de interessante no sentido de servir à cultura, reunindo informações detalhadas sobre o movimento editorial e o comércio livreiro.